

LEYMAH GBOWEE

com CAROL MITHERS

Guerreiras da paz

*Como a solidariedade, a fé e o sexo mudaram
uma nação em guerra*

Memórias

Tradução

Donaldson M. Garschagen



Copyright © 2011 by Leymah Gbowee

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Mighty be our powers: how sisterhood, prayer, and sex changed a nation at war:
a memoir

Capa

Alceu Nunes

Foto de capa

© Christopher Anderson/ Magnum Photos/ Latinstock

As fotos da família são cortesia da autora

Preparação

Ciça Caropreso

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Adriana Cristina Bairrada

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gbowee, Leymah

Guerreiras da paz : como a solidariedade, a fé e o sexo mudaram uma nação em guerra : memórias / Leymah Gbowee, com Carol Mithers; tradução Donaldson M. Garschagen. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Titulo original: Mighty be our powers : how sisterhood, prayer, and sex changed a nation at war : a memoir.

ISBN 978-85-359-2149-6

1. Gbowee, Leymah 2. Libéria - Guerra civil. 1989-1996 - História 3. Libéria - Guerra civil, 1999-2003 - História 4. Movimentos pela paz - Libéria 5. Mulheres - Libéria - Condições sociais 6. Mulheres ativistas na política - Libéria - Biografia 7. Mulheres pacifistas - Libéria - Biografia 8. Violência - Libéria 9. Women of Liberia Mass Action for Peace 1. Mithers, Carol. II. Titulo.

12-07669

CDD-966.62033092

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|---|--------------|
| 1. Libéria : Mulheres ativistas na política : Biografia | 966.62033092 |
| 2. Libéria : Mulheres pacifistas : Biografia | 966.62033092 |

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

<i>Prólogo</i>	9
----------------------	---

PARTE I

1. O mundo em minhas mãos	13
2. “Vamos acabar logo com o problema”	27
3. Sou jovem demais para morrer!	40
4. Aprisionada	57
5. Desamparada num lugar estranho	78
6. Um vislumbre de paz	90

PARTE II

7. “Sim, você é capaz”	99
8. Os “meninos de Taylor”	110
9. Um novo lar com Geneva	121
10. As mulheres encontram sua voz	129
11. Nasce a Rede de Mulheres para a Construção da Paz!	141
12. “Não pare nunca”	153

13. De pé contra Charles Taylor, sentadas pela paz	168
14. Quando as conversas de paz são só conversa fiada, tome uma atitude	191
PARTE III	
15. Será que a guerra acabou mesmo?	213
16. Tempo de mudança	229
17. Uma perda irreparável	242
18. A nova rede de mulheres	249
19. <i>Reze para que o diabo volte ao inferno</i>	264
20. Ajudar meu país	270
21. A história não termina	278
<i>Agradecimentos</i>	288
<i>Índice remissivo</i>	291

PARTE I

1. O mundo em minhas mãos

Na noite de Ano-Novo, em 1989, todos nós, da Igreja Luterana de São Pedro, em Monróvia, nos reunimos no pátio do templo para o Culto de Vigília, durante o qual o ano velho chegaria ao fim e começaria o novo. Todos receberam uma folhinha de papel em branco. Cada um escreveu nela o que desejava no ano seguinte e a jogou dentro de um tambor de aço no meio do pátio. O pastor fez uma oração e encostou um fósforo aceso na pilha. A fumaça subiria direto a Deus, que realizaria o desejo de cada um.

Quando criança, muitas vezes eu tinha desejado ter saúde. Paguei muitas doenças — sarampo, malária, cólera. Também queria tirar boas notas na escola e que as coisas dessem certo para minha família. Nesse ano, eu tinha dezessete anos, estava acabando o curso médio e ia começar a universidade. Pensei num desejo de adolescente: eu queria tirar boas notas, ter professores competentes e aulas interessantes. E pedi também que meus entes queridos ficassem livres do mal.

Quando chegou minha vez, deixei cair meu papel no meio dos outros. A fumaça subiu em rolos, enquanto a congregação cantava hinos de louvor e ação de graças, e virei a cabeça paravê-la subir no

céu estrelado. Fui tomada de uma sensação de segurança. Deus era bom. Eu sabia que Ele ouvia todas as minhas preces.

É muito difícil, hoje, lembrar que eu fui aquela garota. Tão feliz. Tão ignorante do que estava por vir.

Um mês depois, minha família reuniu-se para uma comemoração. Minha irmã Josephine, dois primos e eu tínhamos nos formado no ensino médio, e meus pais deram a maior festa que nossos vizinhos já tinham visto. Mais de cem pessoas vieram a nossa casinha, tantas que os festejos se estenderam para a casa de minha avó, ao lado da nossa, e depois para a vizinhança. Ninguém se importou com isso. Morávamos na capital do país, mas de certa forma o conjunto de casas em Old Road, perto do aeroporto de Spriggs Payne, era como uma aldeia. A meia dúzia de casas, modestas mas feitas de concreto, com telhados de metal corrugado, ficavam tão juntas que da varanda de uma delas uma pessoa podia saber, pelo cheiro, o que os vizinhos iam comer no jantar. As trilhas de terra estavam sempre cheias de crianças, que brincavam nos espaços de areia entre elas. Em nossa casa foi servido um verdadeiro banquete — um jantar à americana, com saladas e sanduíches, além da tradicional sopa de peixe liberiana e ensopado de cabrito — e toda a família estava se divertindo, até minha irmã mais velha, Geneva, que era tímida. A mais nova, Fata, que só tinha doze anos, dançava de um lado para o outro cantando músicas tradicionais de nosso grupo tribal, os kpelles. A letra que ela cantava estava toda errada, mas a melodia saía direito.

Dezenas de amigos da igreja e da escola tinham vindo: Margaret, Kayatu, Flomo, Satta, Kulah e Emmanuel — que chamávamos de “Ayo” —, um rapaz alto e escuro, de olhar intenso. Koffa, o piadista da turma, dançava com um sorriso bobo, mas, como sempre, estava muito alinhado, com os sapatos brilhando e um

lenço branco dobrado no bolso. O pai dele era militar, e naquela família andar bem-arrumado era uma regra inflexível. Koffa sonhava emigrar para os Estados Unidos e entrar para o Corpo de Fuzileiros Navais.

“Ei, Ruiva”, alguém chamou. Era meu apelido, por eu ter a pele muito clara. “As bebidas acabaram!” Saí para buscá-las. Tínhamos tirado os móveis da sala, que estava superlotada, com mais de cinquenta pessoas espremidas. Ali era nossa pista de dança, e do alto-falante vinha “Just got paid” no volume máximo. Fui me esgueirando em direção aos fundos da casa, alisando a frente do meu terninho novo. Era de uma estampa *fanti*, azul-claro e dourado, feito sob medida pelo irmão de Kayatu, alfaiate. Os brincos, a pulseira, a corrente e o anel que meus pais tinham me dado dias antes, tudo de ouro dezoito quilates, rebrilhavam. Onde quer que eu fosse, convidados me entregavam envelopes com dinheiro. Outros presentes se empilhavam: roupas, sapatos e, o melhor de tudo, um belo par de botas Dexter, feitas de couro trabalhado que parecia pele de cobra.

“Os formandos venham para cá!”, gritou meu pai. A música parou. Ninguém sabia onde estava Josephine, de modo que me adientei, com meus primos Fernon e Napah. Meu pai, com seus trajes habituais de fim de semana — jeans, camiseta e boné de beisebol — e um sorriso largo no rosto bonito, disse que estava orgulhoso de mim.

“E eu agradeço a vocês pelo amor e o apoio que têm me dedicado”, eu disse a ele e a minha mãe. Ela estava linda numa *lappa* africana tradicional e com joias de ouro, o cabelo escuro preso num coque banana. “E obrigada a todos” — fiz um gesto para os convidados — “por terem vindo comemorar conosco!” Todo mundo aplaudiu, e meus pais se mostravam alegres, esquecidos de seus problemas matrimoniais.

Os dois tinham sido crianças pobres, e naquela noite todos podiam ver como eram bem-sucedidos — duas filhas se formando num dos melhores colégios particulares de Monróvia e se preparando para a universidade; uma festa com tanta comida e bebida que seria tema de conversa por muito tempo. Para mim, a noite era o encerramento perfeito de uma das épocas mais felizes de minha vida.

Eu adorava a casa de minha infância. O bairro em Old Road não era de primeira. Não havia calçadas pavimentadas nem condicionadores de ar para aliviar o calor constante e úmido. Mas as casas tinham televisores, banheiros, cozinhas modernas. Não era uma favela como Logan Town ou West Point, de onde vinham as crianças esfarrapadas que eu vira pedindo esmola ou comprimindo o rosto contra os portões em festas de amigos, nos vendo comer. Ali não havia famintos ou desabrigados, e nossa comunidade se baseava em companheirismo e ajuda mútua. Nós, as cinco moças, passávamos o dia indo para lá e para cá entre nossa casa e a de nossa avó. Na verdade ela era nossa tia-avó, mas havia criado nossa mãe, e a chamávamos de “Ma”. Como outras parteiras do bairro, Ma fazia o parto de mulheres que não podiam pagar a um médico.

Quando a família muçulmana que eu conhecia quebrava o jejum no Ramadã, eu comia com eles. Quando uma amiga trazia folhas de batatas cozidas para comer na escola, eu trocava algumas delas pelas minhas folhas de mandioca. Vivíamos cercadas de espaço e liberdade. Do outro lado da rua que levava ao aeroporto, de onde partiam voos diários para Serra Leoa e Guiné, havia um terreno baldio onde brincávamos sem parar. Minha mãe cultivava ali uma horta com verduras, quiabo e pimenta.

Havia beleza também no restante de Monróvia, uma cidade longa e estreita com poucas centenas de milhares de habitantes, espremida entre o Atlântico, de um lado, e o rio Mesurado, com

seus manguezais e riachos, de outro. Era limpa e moderna; nenhum edifício, a não ser a enorme loja maçônica, com suas belas colunas brancas, tinha mais de algumas décadas. O Centro Médico John F. Kennedy, em cujo arquivo de prontuários Geneva trabalhava, era o hospital mais moderno da África Ocidental.

No centro da cidade, aonde íamos comprar roupas e sapatos, os sobrados brancos e de cores claras, com sacadas enfeitadas por grades de ferro forjado, ladeavam as ruas estreitas, que acabavam em praias de areias branquíssimas com palmeiras-imperiais. O longo e sinuoso bulevar Tubman atravessava Capitol Hill, passava pela prefeitura, pela Mansão Executiva, onde morava o presidente Samuel Doe, e pela Universidade da Libéria, oculta atrás das copas de árvores altas.

Na noite da festa, eu estava feliz comigo também. No começo da adolescência eu tinha sido um tanto tímida e insegura, sempre à sombra de Josephine, um ano mais velha que eu e, na minha opinião, mais bonita e mais bem-feita de corpo. Entretanto, no colégio eu desabrochei. Minha timidez desaparecia quando eu me levantava para falar, e fui eleita senadora no governo estudantil. Eu falava em outras escolas e era encarregada do quadro de honra. Os meninos mostravam que gostavam de mim, e acabei percebendo que tinha boa aparência, era alta e magra, com o cabelo longo preso numa trança que descia pelas costas.

Com quinze anos, tive o primeiro namorado sério, embora o namoro não tenha durado muito. Uma noite, fui a um bailinho na escola e, quando acabou, me sentei na calçada com uma amiga. Esse rapaz chegou perto de mim e disse: "Você não me falou que vinha aqui esta noite! Vá para casa agora!". Discutimos e ele me deu um tapa. Foi o fim do namoro. Eu não ia tolerar aquilo.

Na época da formatura, eu estava plenamente segura de mim, uma moça bonita que também era inteligente, uma moça inteligente que também era bonita. Eu dizia com orgulho que iria para

a universidade estudar biologia e química, e eu sabia que quando estivesse na faculdade a vida seria ainda melhor. O controle rígido de meus pais sobre mim afrouxaria, eu viveria uma aventura intelectual e acabaria me tornando o que durante anos sonhara um dia ser: médica.

Minha vida se desdobrava em minha imaginação: eu ia estudar, trabalhar, me casar, ter filhos, talvez uma dia morar numa daquelas mansões de tijolos com ar-condicionado enfileiradas na avenida Payne. Eu tinha dezessete anos e podia tudo. O mundo estava em minhas mãos, para o que eu quisesse.

Comunidade. Amizades. Afirmação. Grandes planos. Em seis meses, tudo isso estaria acabado.

A vida confortável que meus pais proporcionavam a minhas irmãs e a mim tinha sido conquistada com esforço, numa lenta ascensão social a partir de quase nada. É impossível contar esta história sem também dar informações sobre a história deles e da Libéria.

Meu país surgiu em 1822, na condição de colônia, fundado por negros libertos americanos, já nascidos livres, e por homens e mulheres africanos libertados de navios negreiros que seguiam para o Novo Mundo. A ligação entre nós e os Estados Unidos continuou a ser vital, como um laço de sangue, mesmo bem depois que nos tornamos uma nação independente, em 1842. Nossa constituição tinha como modelo a americana, e nossa capital ganhou o nome de Monróvia em homenagem ao presidente James Monroe. Até a década de 1980, nossa moeda oficial era o dólar dos Estados Unidos e, mesmo depois de criado o dólar liberiano, a moeda americana era bem-aceita em toda parte. Meus amigos e eu crescemos assistindo a séries de TV como *Sanford and Son*, *Good Times*, *Dinastia* e *Dallas*. Torcíamos pelos LA Lakers. Ir para

os Estados Unidos a fim de estudar ou morar lá era o sonho de muitos liberianos, e os que emigravam mandavam fotos glamorosas em que apareciam ao lado de carrões.

A origem dos ancestrais de uma pessoa determinava seu lugar na ordem social. Os colonos provenientes dos navios negreiros — chamados “congoeses” — e os que vieram dos Estados Unidos, muitos deles mestiços e de pele mais clara — chamados libéria-americano —, deram origem à elite política e econômica. Esta se considerava mais “civilizada” e mais importante do que as tribos africanas que já ocupavam o território: kpelles, bassas, gios, krus, grebos, mandingas, manos, krahns, golas, gbandis, lomas, kissis, vais e bellas.

Durante gerações, os membros da elite moraram em Monrovia ou em subúrbios como Virginia e Careysburg, onde possuíam enormes plantações que lembravam as do Sul dos Estados Unidos. A terrível ironia é que fizeram com os nativos exatamente o mesmo que tinha sido feito com eles nos Estados Unidos. Escolas separadas. Igrejas separadas. Os nativos tornaram-se seus criados. Foi como se uma pessoa fosse à casa de alguém, comesse e bebesse, e depois enxotasse o anfitrião para um canto qualquer, dizendo: “Agora esta casa é minha”.

A desigualdade social, a distribuição desigual da riqueza, a exploração — e o desejo dos nativos de recuperar o que tinha sido deles — são algumas razões dos muitos problemas que tivemos de enfrentar.

Meu pai era da etnia kpelle, um menino pobre de Sanoyea, no condado de Bong. Durante algum tempo, o pai dele trabalhou praticamente como escravo na colônia espanhola de Fernando Pó, uma ilha ao largo da República dos Camarões. A mãe dele, cujos bebês sempre morriam por ocasião do parto, foi acusada de bruxaria pelos aldeões, que lhe tiraram o filho. Ele foi criado por enfermeiras da missão luterana e, quando cresceu, estudou no Instituto

Booker T. Washington, onde os nativos ambiciosos podiam aprender uma profissão. Formou-se radiotécnico.

Minha mãe, também kpelle, nasceu no condado de Margibi, na costa centro-norte. Quando tinha cinco anos, a mãe dela largou o marido e foi morar com outro homem. Meu avô ficou tão deprimido que não teve condições de cuidar da filha, e acabou morrendo quando ela tinha nove anos. A irmã dele, aquela que chamávamos de Ma, pegou-a para criar.

Ma também tinha sua história. Num passado mais recente, os libério-americanos costumavam ir a aldeias rurais em busca de crianças de pele mais clara para criar e “modernizar”. Como Ma tinha a pele assim, foi uma das escolhidas e foi educada numa família da elite. Depois se casou (e se divorciou) três vezes, e acabou dona de uma plantação de borracha no interior e de uma casa em Old Road. Esperava que minha mãe se casasse “bem”, com um rapaz que tivesse dinheiro e instrução. Quando, em vez disso, ela se apaixonou por meu pai, um sujeito bom de conversa, dez anos mais velho, desempregado e de família pobre, Ma ficou furiosa.

Minha mãe deu à luz minha irmã Geneva quando tinha apenas dezessete anos. No começo, Ma tirou o bebê dela para criar, mas logo cedescendeu e deixou que meus pais se mudassem para sua casa. Minha mãe estudou farmácia, e uma das amigas influentes de Ma arranjou-lhe emprego numa drogaria. Mais tarde, trabalhou como farmacêutica em vários hospitais.

Em seguida nasceu Mala, depois Josephine e, então, eu. Minha mãe queria um menino. “Leymah” quer dizer “O que há comigo?”, no sentido de “Por que não consigo conceber um menino?”. Mas meu pai disse que eu era sua “filha da sorte”, porque assim que nasci ele foi contratado pela Agência de Segurança Nacional da Libéria, órgão equivalente ao FBI americano. De promoção em promoção, terminou como chefe do setor de radiotécnica e oficial de ligação com os Estados Unidos. Trabalhava no enorme

complexo da embaixada americana, com vista para o mar e no alto de um morro no bairro de Mamba Point. Seu trabalho era sigiloso, e nunca soubemos muita coisa sobre o que ele fazia.

Uma das amigas de Ma era dona do lote ao lado da casa dela e concordou em vendê-lo a meus pais. Ali construíram nossa casa. Quando eu tinha cinco anos, Fata nasceu.

Muitos de nossos vizinhos em Old Road diriam que nós éramos a família mais feliz da comunidade. Eu sei que, vistos de fora, parecíamos bem de vida. Tanto meu pai quanto minha mãe trabalhavam bastante. A cinco minutos de caminhada de Old Road havia um terreno grande e poeirento onde as crianças jogavam bola, e ao lado dele ficava um mercado onde as mulheres vendiam trutas, caranhas e salmões fornecidos pelo pessoal da colônia de pesca. Nunca fazíamos compras no mercado de peixe porque minha mãe dizia que tudo ali era muito caro, mas durante anos ela acordava às três da manhã para fazer pão de milho, bolinhos de manteiga e refrescos com sabor de frutas para vender ali no fim da tarde, depois de seu expediente.

Todo esse esforço foi recompensado. Meu pai comprou um carro, um Peugeot. Nós estudávamos nas melhores escolas de Monróvia e tínhamos as mesmas atividades extracurriculares dos filhos da elite — aulas de natação, escotismo, escola bíblica nas férias.

Entretanto, nossa vida não era um mar de rosas. Acho que nunca vi meus pais felizes um com o outro. Papai saía para festas e boates à noite, nos fins de semana, e ainda dormia quando, aos domingos, íamos para a igreja. E traía minha mãe — muito. Os liberianos costumavam fazer isso — alguns chegavam a trazer para casa os filhos gerados fora, para que as mulheres os criasseem —, mas aquilo magoava demais minha mãe. Quando eu era pequena, ela dizia que não sabia o que era o amor. E que um sinônimo de “homem” era “cachorro”. De vez em quando, minhas irmãs e eu

éramos mandadas para a casa de Ma ou accordávamos com o faltório de parentes e de gente da igreja na sala. Então já sabíamos: havia uma crise.

“Quem vai ficar com quem se eles se divorciarem?”, Josephine e eu perguntávamos uma à outra, tristonhas, pois não suportávamos a ideia de nos separar.

Minha mãe ficou com papai por nossa causa. Mais tarde, nos contou que nunca se esqueceu do quanto tinha sofrido quando o casamento de seus pais acabou. Mas ela avaliava com um olhar frio os rapazes que levávamos à nossa casa, perguntando: “É de que família?”. Eu me enfurecia por ela ser tão intolerante, embora vinda de um ambiente humilde. E ela nunca era carinhosa conosco; não nos acariciava ou demonstrava afeto com gestos ou palavras. Quando chegamos à adolescência, ela estava sempre zangada. Qualquer coisa que a gente fizesse lhe causava uma explosão de raiva. Se os quartos não estavam arrumados ou se não chegávamos em casa na hora, lá vinham surras. Ela nos batia com um cinto ou uma vara de ratã, e deixava vergões. Sempre nos dizia: “Se você responder, dou-lhe um murro, e você perde um dente”. Era uma mulher dura. Até hoje, minhas irmãs e eu temos com ela uma relação de amor e ódio. Não a suportamos, mas não podemos ficar sem ela. Lembro um ditado liberiano: “Gorduroso demais para jogar fora, amargo demais para engolir”.

Hoje, mais velha, eu a entendo melhor. Minha mãe tinha cinco filhas para criar e um marido que muitas vezes se referia a nós como “essas suas filhas”. (Só éramos dele quando tínhamos sucesso.) Precisava prestar contas a Ma, que era calada, mas muito forte, sempre a verdadeira chefe. Ma fazia parte da Sande, uma tradicional sociedade secreta liberiana, e era quase uma sacerdotisa, sabendo lidar com cobras e picadas de cobra. Era respeitadíssima, tanto em sua aldeia quanto em Old Road. Quando dava uma ordem, ninguém pensava em transgredi-la. Minha mãe também

tinha seu trauma particular. Há pouco tempo, ela me disse que quando sua mãe deixou seu pai e ela ficou na aldeia, uma coisa terrível lhe aconteceu. Não quis contar o que foi, dizendo que levaria o segredo para o túmulo.

Nossa casa estava sempre cheia, com muitos parentes chegando e saindo. Como minha mãe ainda tinha vontade de ter um filho homem, nós lhe trouxemos Eric, cuja mãe era uma das mulheres de um meio-irmão de papai, chefe tradicional de aldeia. E os filhos dos primos de minha mãe vinham sempre de suas aldeias para estudar em Monróvia. Em troca, nos serviam de criados.

Na África é assim. Você pode não ter muito, mas sempre há alguém com menos. Quando as famílias rurais enviam os filhos a parentes da cidade para que tenham uma “oportunidade”, estes parentes pagam os uniformes e o material escolar, e em troca põem as crianças para trabalhar. Papai, que cresceu na escola missionária, precisava varrer, buscar água e cortar a grama para pagar seu sustento. (Ele raramente falava de sua infância, mas às vezes, quando nos queixávamos de alguma coisa, nos dizia: “Eu costumava me sentar à beira do rio e costurava minha calça com barbante.”) Ma pegou minha mãe para criar, mas aos dez anos ela já cozinhava para a família toda. O filho biológico de Ma chegava da escola e a atazanava, perguntando: “Cadê minha comida?”.

Nossos parentes da aldeia se ressentiam por estarmos mais bem de vida do que eles, e papai sabia ser bem agressivo, zombando da falta de instrução deles e berrando “Sua besta!” quando alguém lhe desagradava. Às vezes, as meninas que vinham ficar conosco descontavam em minhas irmãs e em mim, batendo em nós quando não havia ninguém por perto, ou puxando nosso cabelo ao lavá-lo. Poucas ficavam mais do que um ano ou dois. Engravidavam, e papai as mandava de volta para a aldeia porque não queria que elas tivessem má influência sobre nós. Às vezes eu tinha muita vontade de viver apenas com meus pais e minhas irmãs.